

Dívida externa consome US\$ 50 bi

Brasil terá de destinar neste ano quase tudo o que arrecada com as exportações para o pagamento de credores internacionais

São Paulo — Os gastos com os juros mais o pagamento das parcelas da dívida externa brasileira devem consumir neste ano o equivalente a quase toda a receita que o país obterá com as ex-

portações. A soma dos juros mais amortizações dos débitos com outros países deve chegar a US\$ 50,3 bilhões, segundo cálculos feitos a partir de dados do Banco Central. De acordo com projeção do economista Octavio de Barros, do banco BBV, as exportações brasileiras alcançarão US\$ 55,3 bilhões. Ou seja, se as receitas com as exportações fossem usadas somente para pagar o encargo da dívida, só sobrariam US\$ 5 bilhões, ou 10% das vendas ao exterior.

O Brasil está entre os países com os piores indicadores externos do mundo. O que ajuda a explicar por que a avaliação do crédito brasileiro, o chamado rating, é mais baixa do que a de economias como Bermudas, Costa Rica, Chipre, Líbano, Filipinas e Trinidad e Tobago. O rating é uma nota dada por agências internacionais que analisam a capacidade de países ou empresas honrar dívidas.

A relação entre o encargo da dívida externa e as receitas obtidas com as exportações é um dos muitos indicadores avaliados pelas agências internacionais de classificação de risco de crédito, como a Standard & Poor's e a Moody's. "A foto dos indicadores externos brasileiros ficou muito

feia no ano passado", diz Octavio de Barros. Outro indicador que as agências avaliam é a relação entre a dívida externa líquida e as exportações. A dívida externa líquida é tudo o que o país deve no exterior, menos as reservas em dólar de que dispõe. Segundo a S&P, essa razão em 1999 ficou em 330%, a pior do mundo entre todos os países avaliados pela agência.

EXEMPLO MEXICANO

Recentemente, a Moody's melhorou a nota da dívida externa do México. O país vizinho dos Estados Unidos está agora entre os bons pagadores. A agência disse para os investidores que aplicar no México é seguro. A nota do Brasil pela Moody's é B3, em uma escala que vai até AAA. Para alcançar o nível em que o México está atualmente, o país precisa passar por mais quatro degraus. Quando chegar lá, pagará juros mais baixos para tomar empréstimos no exterior, porque os investidores entenderão que não correm ricos de levar calote.

Mas o Brasil vai demorar muito ainda para ser considerado pelo mercado internacional como bom pagador, afirma Barros. "Mas a foto horrível de 1999 ficará cada vez menos feia. Nossos indicadores vão melhorar muito a partir de 2000", espera o economista. No ano passado, se o país empregasse o dinheiro obtido com as exportações para honrar o serviço da dívida externa, teria de gastar tudo e desembolsar mais 44,4%.

Barros lembra que as receitas com as exportações em 1999 atingiram US\$ 48,14 bilhões. Os juros brutos da dívida externa mais amortizações consumiram US\$ 69,305 bilhões, ou 144,4% das vendas para o exterior. Pelas suas projeções, essa razão cairá para 57,2% em 2002. Para isso, no entanto, as empresas e o governo terão de parar de contrair empréstimos no exterior. No ano passado, a dívida externa bruta do Brasil ficou em US\$ 248 bilhões. Para este ano, Barros avalia que descerá para US\$ 235 bilhões. Ele calcula também que as exportações brasileiras crescerão cerca de 15% este ano. "A partir de 2001, o aumento será da ordem de 10% anuais. Em 2006, poderemos chegar a US\$ 100 bilhões exportados." (Agência Folha)